

EUA

Os membros do Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês) do banco central americano (Federal Reserve) decidiram elevar a taxa básica de juros em 0,25 ponto porcentual, para 2,25%. A decisão marca o terceiro aumento nos juros pela autoridade monetária dos Estados Unidos este ano. A alta dos juros era esperada pelos economistas do mercado financeiro.

Ao justificar a decisão, o Federal Reserve afirmou que o mercado de trabalho continuou a ganhar fôlego e que a atividade americana apresenta forte expansão. O Fed reiterou que espera aumentar as taxas de juros de maneira gradual, o que seria "consistente com a expansão sustentada da atividade econômica, condições fortes do mercado de trabalho e inflação próxima da meta de 2%". De acordo com a instituição, os riscos para a perspectiva econômica parecem "mais ou menos equilibrados" (tradução nossa).

Agentes do mercado preveem mais um aumento dos juros ainda este ano e 3 aumentos em 2019.

Com relação ao comércio externo, o presidente Trump anunciou tarifas de 10% sobre produtos chineses, o impacto estimado é de 200 bilhões de dólares. A China impôs tarifas de 5% a 10% sobre produtos americanos, com impacto estimado de 60 bilhões de dólares. Estes confrontos adicionam risco ao crescimento



mundial e podem trazer volatilidade aos mercados.

Brasil

O desempenho da economia vem se caracterizando pelo aumento da instabilidade no mercado financeiro combinado com a continuidade do lento processo de recuperação da atividade econômica. A evolução do PIB apresenta alguma aceleração, mas esta aceleração ocorre após o choque de oferta causado pela greve dos caminhoneiros, devendo-se, assim, em grande medida, à baixa inflação demonstrada nos períodos anteriores.

O aumento da instabilidade vem sendo causado por uma série de fatores domésticos e externos. No *front* externo, o cenário revela-se menos favorável às economias emergentes, devido ao processo de normalização da política monetária nos Estados Unidos, à agressividade da guerra comercial promovida pelo governo Trump e aos episódios envolvendo Turquia e Argentina, cujas moedas desvalorizaram fortemente, contribuindo para aumentar a percepção de risco no mercado internacional.

No âmbito doméstico, as incertezas associadas ao período eleitoral, em um quadro fiscal ainda marcado por grande desajuste, tem provocado o aumento dos prêmios de risco e o aperto das condições financeiras, afetando de forma negativa as decisões de investimento e consumo dos agentes econômicos.

Na reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), decidiu-se pela manutenção da taxa Selic estável em 6,5% a.a. No entanto,

o Comitê sinalizou a possibilidade de subir a mesma, caso o balanço de riscos piore.



Com relação ao cenário eleitoral, a candidatura de Lula foi rejeitada e o PT oficializou Fernando Haddad como candidato. Com o apoio de Lula, Haddad cresceu rapidamente nas pesquisas, chegando a 22% das intenções de voto no primeiro turno. Com a maior divulgação do candidato petista, os níveis de rejeição do candidato também cresceram.

Mercado

O Ibovespa terminou o mês de setembro com valorização de +3,48%, aos 79.342 pontos. Com alta acumulada de +3,85% no ano e +6,80% em 12 meses. O CDI, teve rentabilidade de 0,47% no mês, com acumulado de 4,81% em 2018 e 6,66% em 12 meses. Pela cotação do Banco Central, Ptax 800, o Dólar teve baixa de 3,18%, cotado a R\$ 4,0039. O IRFM-1 apresentou variação de +0,61% e acumula alta de 4,85% no ano.